

fonte: O GLOBO class.: 60
 data: 21/5/95 pg.: 36

Amazônia esconde febres mortais

DANIEL HESSEL TEICH

SÃO PAULO — A epidemia de febre hemorrágica provocada pelo vírus Ebola no Zaire despertou interesse pelos vírus pouco conhecidos que infestam as florestas tropicais. No Brasil, regiões remotas da Amazônia escondem microrganismos que provocam doenças graves e misteriosas. Uma delas, a febre negra de Lábrea, é tão devastadora quanto a febre do Ebola, matando 90% dos infectados em de seis dias.

— Temos uma enorme quantidade de agentes causadores de doenças que vão desde a hepatite fulminante até a febre crônica. No entanto, a maioria dos vírus amazônicos vive em nichos remotos da mata, havendo pouca chance que provoquem epidemias — afirma o virologista Pedro Fernando Vasconcelos, do Instituto Evandro Chagas, de Belém, um dos maiores centros de estudos de doenças tropicais da América Latina.

A febre negra de Lábrea é uma das doenças mais preocupantes. Restrita ao Sudoeste do Amazonas até a fronteira com o Acre, na região do Rio Purus, a febre tem matado cinco pessoas por ano desde o início dos anos 80, quando começou a ser pesquisada.

A doença, segundo a pesquisadora Gilberta Bensabath, do Evandro Chagas, é causada pela associação de dois vírus da hepatite — o vírus A e o vírus delta. Juntos eles têm um poder devastador sobre o fígado, dissolvendo-o. Foram registrados casos em Lábrea e Boca do Acre, no Amazonas, e Sena Madureira, no Acre.

Outra praga tropical é a febre do Oropouche, provocada pelo vírus do mesmo nome. Originária das ilhas de Trinidad e Tobago, a febre Oropouche preocupa mais por seu poder de disseminação do que pela gravidade, já que provoca um estado febril crônico semelhante ao causado pelo dengue.

A última irrupção da doença, ocorrida no ano passado em Ser-

ra Pelada, Pará, infectou 5.085 pessoas de um total de 6.127 habitantes.

— O vírus é transmitido por um mosquito comum em todo o país, o marum. Nosso medo é que o Oropouche saia da região amazônica e chegue às grandes cidades — diz Vasconcelos.

Entre os 183 vírus catalogados pelos cientistas do Evandro Chagas, têm posição de destaque os arbovírus (família de vírus transmitida por mosquitos) causadores de encefalite. Pelo menos quatro deles já provocaram casos isolados no Pará e Amazonas, sendo que o vírus da encefalite Saint Louis é o que tem aparecido com mais frequência. A doença pode deixar seqüelas neuromotoras.

Da mesma forma que o Saint Louis, convivem na Amazônia três vírus da mesma família — a alfa — que também provocam a encefalite em diferentes graus de gravidade. O mais perigoso é o da encefalite equina do leste, que em algumas epidemias chegou a ter uma taxa de letalidade de 70%.

Editoria de Arte

As viroses que mais preocupam os pesquisadores

	SINTOMAS/CONSEQUÊNCIAS	TRANSMISSÃO	LETALIDADE
ENCEFALITE ST. LOUIS	dor de cabeça, febre, vômitos. Causa distúrbios neuromotores	por mosquito	10%
ENCEFALITE EQUÍNEA DO LESTE	dor de cabeça, febre, vômitos. Deixa seqüelas no cérebro	por mosquito	50%
ENCEFALITE EQUÍNEA DO OESTE	dor de cabeça, febre, vômito. Caso o doente tenha menos de cinco anos pode ter seqüelas mentais e motoras	por mosquito	7%
ENCEFALITE EQUÍNEA VENEZUELANA	dor de cabeça, febre, vômito. A vítima passa a sofrer de febre crônica	por mosquito	20%
ORPOUCHE	dor de cabeça e febre. Alguns casos evoluem para meningite	por mosquito	não são conhecidos casos fatais
FEBRE NEGRA DE LÁBREA	hepatite fulminante, hemorragia interna, vômitos com sangue. O fígado é dissolvido	contato com secreções e lesões contaminadas	90%
FEBRE AMARELA	febre, prostração, vômito, hemorragia interna. Pode causar insuficiência renal e hepática	por mosquito	50%

Doenças antigas voltam a atacar

O surgimento de vírus desconhecidos não é o único problema provocado pela devastação das florestas no país. Especialistas alertam que pragas conhecidas dos brasileiros, como a malária e a febre amarela, estão ameaçando novamente a população. Aliada à destruição das matas, a ocupação desordenada das cidades tornou-se uma forte aliada na disseminação das doenças.

A malariologista Rita Uchôa, do Instituto Evandro Chagas, adverte que o número de casos de malária deverá ter um grande crescimento este ano. Só em Belém do Pará foram registradas, em 1993, 276 contaminações autóctones (ocorrida no local onde vive o paciente), contra quase 700 casos em 1994 — um aumento de 153%.

— Se as autoridades não tomarem logo alguma providência, é

possível que tenhamos este ano uma multiplicação de casos nessa mesma proporção — afirma. Uchôa lembra que os macacos, a exemplo do Ebola, podem ser agentes de contágio da doença.

Depois de 53 anos sem nenhum caso de febre amarela urbana no Brasil, a doença volta a ameaçar as cidades. O alerta é do virologista Pedro Vasconcelos, do Instituto Evandro Chagas. Ele adverte que o mosquito *Aedes aegypti*, que transmite a doença, está disseminado por todos os estados, facilitando a passagem da doença das florestas para os centros urbanos.

— O *Aedes* é essencialmente silvestre. A devastação das florestas leva o mosquito, muitas vezes contaminado, a migrar para as cidades — afirma Vasconcelos. (Maurício Zágari)